



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

SOCIABILIDADE E RECIPROCIDADE EM AÇÕES LÚDICO-RELIGIOSAS NO BAIRRO DO GUAMÁ EM BELÉM-PARÁ

Clélio Palheta Ferreira
PPGCS-Antropologia/UFPA
cleliopalheta@superig.com.br

Este artigo expõe minhas intenções em tratar o tema proposto em um capítulo da dissertação de mestrado a ser apresentada às necessidades de avaliação do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, área de Antropologia – PPGCS-Antropologia, da Universidade Federal do Pará, onde faço parte da linha de pesquisa Populações Amazônicas: idéias e práticas sociais, sob orientação da Profa. Dra. Carmem Izabel Rodrigues.

Meu objetivo é propor a análise de relações entre os conceitos de sociabilidade como forma “lúdica” de sociação, em Simmel (1983) e reciprocidade em Mauss (2003), conforme tenho observado na pesquisa de campo para o desenvolvimento da dissertação referida no bairro do Guamá em Belém-Pará, mais precisamente na Passagem Pedreirinha do Guamá, onde são constatadas várias manifestações culturais que constituem contextos festivos situados, entre outros, no Terreiro de Mina Dois Irmãos, localizado na referida passagem desde 1890, bem como em uma festa junina em homenagem a São Pedro e São Paulo desde 1955, promovida por moradores do referido local.

A etnografia realizada até o momento tem revelado que a passagem Pedreirinha compreende uma série de atividades culturais que ocorrem durante o ano todo, como: escolas de samba, blocos carnavalescos, quadrilhas juninas, cortejos de boi bumbá e casamento na roça, além de referências lúdico-religiosas aqui aludidas. Trata-se de um lugar pacífico e democrático onde as pessoas sentam-se às suas portas para conversarem e trocarem informações em interação umas com as outras, diariamente, mas especialmente nos dias de eventos festivos, incluindo-se aí as relações de bem ou conflituosas que, como demonstrou uma interlocutora da pesquisa, são coisas que se resolvem lá mesmo - “*não tem esse negócio de ficar de mal*” - ou quando outra interlocutora afirma: “*aqui podem até não gostar de mim, mas eu gosto de todos*”, ou



ainda outro interlocutor se declara “*adorar*” residir na passagem porque “*lá tudo acontece*”, mesmo com o enfrentamento de todos os tipos de problemas: perigos da violência urbana como em qualquer cidade; desigualdade social; falta de recursos para a promoção de atividades culturais; endividamentos para que isto seja possível, etc.

Os contextos festivos são aqui referenciados de forma respeitosa, particularmente no que se refere ao terreiro de mina, pois não é minha intenção analisar suas atividades ritualísticas que caracterizam principalmente a instituição, bem como não está em jogo neste artigo um questionamento às proposições especificamente religiosas que motivam a festa de São Pedro e São Paulo. Em ambos os casos, destaco possibilidades de constatação de formas de sociabilidade inseridas nas manifestações e a ampliação das relações de interação que elas proporcionam no concernente a seguidores, parentes, vizinhos e amigos que são convidados a participarem dos eventos festivos promovidos nos locais de estudo, situados na passagem Pedreirinha do Guamá, com base nas proposições de Simmel e Mauss.

Nesse sentido, é possível perceber que a sociabilidade tal como se constata no local envolve formas lúdicas de sociação e permite o estabelecimento de vínculos de reciprocidade ao enfatizarem comprometimentos que, além dos laços religiosos, compreendem traços de ludicidade e solidariedade que reforçam tais laços nas manifestações culturais e festivas registradas.

No caso dos eventos promovidos pelo Terreiro de Mina Dois Irmãos, tendo como especial referência Dona Luiza Oliveira ou Mãe Lulu, atualmente a principal responsável pela instituição, os moradores da passagem Pedreirinha e do bairro do Guamá ou de outros bairros de Belém são convidados a participarem, especialmente quando assumem a forma de procissões, como a registrada no dia de São José (19 de março de cada ano), ou quando ocorrem em dias mais específicos como a festa dedicada a Exu (23 e 24 de agosto de cada ano) ou ao aniversário de Erundina (27 de agosto de cada ano), quando também se comemora o aniversário do terreiro, fundado em 1890. Importante perceber que esses convidados são muito bem recebidos pelos seguidores e frequentadores do terreiro, caracterizando-se um ambiente lúdico-religioso de convivência bastante agradável.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

No concernente à festa dedicada a São Pedro e São Paulo (realizada anualmente nos dias 28 e 29 de junho), existente na passagem Pedreirinha desde 1955, é possível perceber também convites à participação de residentes ou não no referido local ou no bairro do Guamá ou até em outros bairros de Belém, estejam estes interessados nos eventos religiosos ou lúdicos, constatando-se a existência de uma pequena procissão seguida de uma ladainha que dá início à festividade. Essa festa caracteriza-se também pelas apresentações de espetáculos da cultura popular como os cortejos de casamento na roça, cordões de pássaros, quadrilhas juninas ou roceiras, grupos de carimbó e bois bumbás, situados na passagem, no bairro do Guamá ou em outros bairros de Belém.

Tanto no caso do Terreiro de Mina Dois Irmãos quanto na promoção da festa de São Pedro e São Paulo os ambientes festivos referidos compreendem a utilização de espaços públicos e privados, pois envolvem os interiores das residências ou do barracão, sede do terreiro, e a própria passagem (rua) a qual é ocupada durante os eventos nos momentos de suas realizações. No caso do terreiro isto refere especificamente à realização da procissão de São José que partindo da residência de um dos seguidores da religião professada desloca-se até o barracão onde são executados os rituais com o uso de tambores, seguindo-se o oferecimento de um almoço aos participantes, prolongando-se as atividades durante o referido dia. Quando se trata dos rituais relativos à festa de Exu ou ao aniversário de Erundina, as atividades são desenvolvidas no interior do barracão, seguindo-se, no dia 27 de agosto, o oferecimento de uma recepção aos seguidores e convidados.

Em se tratando da festa de São Pedro e São Paulo os atos religiosos, como a ladainha que dá início à festividade, atualmente são promovidos pela família Corrêa, em cuja residência ergue-se um altar em homenagem aos dois santos referidos, estabelecendo-se um vínculo com a Paróquia de São Pedro e São Paulo existente no bairro, sendo a principal referência quanto ao evento a senhora Elza Corrêa, que tem a ajudá-la seu marido, seus filhos e netos, especialmente Ladeomar Corrêa, conhecido como Branco, e Kleber Corrêa Oliveira, que geralmente organizam a parte religiosa e profana da festa, incluindo-se também os trabalhos de alguns voluntários.

Em ambos os casos, os aspectos religiosos, culturais e festivos demonstram a importância das festas como reforço das relações de interação, vizinhança e amizade



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

entre os envolvidos e ampliam seus horizontes de cidadania, sendo a passagem Pedreirinha e o bairro do Guamá reconhecidos por isso no contexto da capital paraense. Os participantes desses processos de interação têm oportunidades de estabelecerem e ampliarem suas relações pessoais com “outras” pessoas, consolidando-se, através de laços relacionais de sociabilidade e comprometimentos, suas identidades com a rua, o bairro e a cidade onde residem. Constatam-se então contextos de relações lúdicas, afetivas, religiosas e associativas que interferem nas ações que se estabelecem a partir delas.

Por outro lado, cabe destacar “uma prática religiosa sincrética nas manifestações realizadas” na passagem Pedreirinha e no bairro do Guamá, o que demonstra, conforme Dias Júnior (2009), “forte presença de uma cultura popular bastante afinada com os elementos simbólicos da miscigenação”, especialmente quando isto se refere à festa de São José e sua relação com o Terreiro Dois Irmãos. Este autor mostra tal relação:

A festa de São José, ainda existente no Guamá, é realizada por “filhos de santo” do terreiro “Dois Irmãos” [...] que se revezam a cada ano oferecendo suas casas para receber a imagem do Santo, que chega à residência do anfitrião na véspera da procissão. Na manhã do dia 19 de março a imagem sai em cortejo pelas ruas do bairro até o terreiro, onde é feita uma recepção com fogos e pétalas de rosas. Em seguida, é realizado o toque de tambor com os cumprimentos dos filhos de santo à administradora da casa, que abençoa todos os convidados com passes e defumações. Posteriormente é oferecido um almoço aos convidados.

As comemorações seguem à noite com o batuque, prosseguindo pelos dias seguintes até o encerramento, quatro dias após o início das festividades. Além dos festejos de São José, outras festas de santos são realizadas no terreiro “Dois Irmãos” ao longo do ano, cumprindo o calendário religioso (Op. cit., p. 73).

Além da festa de São José, Dias Junior alude a eventos já referidos como a festa de Exu e o aniversário de Erundina que ocorrem em agosto sendo feitos convites para que tanto os moradores da passagem, como do bairro e de outros bairros de Belém possam participar. O segundo desses eventos é realizado no dia 27 de agosto de cada ano e liga-se às comemorações do aniversário do próprio Terreiro Dois Irmãos que completou em 2010, 120 anos de existência. Tive a oportunidade de participar de duas dessas comemorações significativas que foram as realizadas em 2005 e 2010. Notei o toque dos tambores e a participação dos convidados e das próprias entidades diretamente no aniversário de Erundina, incorporada por Dona Luiza ou Mãe Lulu que



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

administra o terreiro juntamente com sua família. Essas comemorações se prolongam durante a noite toda até o dia seguinte, sendo servidas comidas e bebidas aos convidados no interior de uma área das dependências do terreiro.

A festa de São Pedro e São Paulo, por sua vez, apresenta-se como um evento com características religiosas e profanas típicas das festas juninas sendo marcante a homenagem aos santos, através de uma ladainha e um altar erguido na residência da família Corrêa, recorrendo-se, algumas vezes, a procissões pela própria passagem que marcam o início da festa e à utilização de fogos de artifícios no seu encerramento. É importante registrar também uma relação próxima com a Paróquia de São Pedro e São Paulo existente no bairro do Guamá e que faz parte da congregação dos Capuchinhos.

A principal referência atual dessa festa, que completará 56 anos em 2011, é a senhora Elza Corrêa devota e promotora, juntamente com seus familiares, especialmente seu marido, seus filhos e netos que a ajudam na administração do evento. Destaca-se em suas etapas preparatórias e no seu decorrer os processos de interação entre os participantes, em formas de redes de sociabilidade envolvendo parentes, vizinhos e amigos, onde se constata a recepção a convidados por moradores da passagem em suas residências, observando-se processos de cooperação mútua para que esses encontros aconteçam. Trata-se de um evento que, guardadas as devidas proporções em termos de ambientação, assemelha-se a outras festas maiores existentes na cidade Belém e no estado do Pará. Nesse sentido, percebe-se a satisfação das pessoas em receberem suas redes de relações em suas residências, sendo, geralmente as despesas divididas pelos participantes das reuniões particulares que fazem parte do contexto maior que se espalha pela passagem como um todo.

Registrei no trabalho de campo essas reuniões onde os participantes sentam-se às portas das casas para conversar, beber ou comer alguma coisa especialmente preparada para o evento. Dona Elza, abre sua residência que passa a fazer parte nesse momento da própria continuação do espaço da festa, juntando-se aí a utilização do espaço público com o privado. Geralmente, é servido por ela, com muita satisfação, para seus convidados um delicioso mingau de milho e uma bebida da qual ela se orgulha muito de produzir, o seu famoso aluá. Mas também são feitas as vendas de comidas e bebidas que



servem para compensar as despesas com a festa ou até mesmo para aumentar a renda familiar.

A interlocutora é bastante reconhecida na passagem por seu envolvimento com a festa de São Pedro e São Paulo e demonstra gostar muito de residir nesse local onde nasceu. Em entrevista concedida durante o trabalho de campo (Palheta Ferreira, 2008b) foi lembrada uma antiga moradora da passagem Dona Raimundinha que, segundo a entrevistada, foi a grande idealizadora do evento. Ressaltou o ambiente de colaboração entre as pessoas que ajudam, através de coletas ou da realização de pequenos eventos como bingos e rifas para a obtenção de recursos necessários à compra de materiais utilizados na realização da festa. Esse senso de colaboração se caracteriza pela ajuda e divisão de atividades com os vizinhos, parentes e amigos, pois os trabalhos envolvem uma série de atividades que são desenvolvidas por sua família, mas também por outros moradores ou não da passagem e que defendem a continuação do evento, mesmo com todas as dificuldades que isso acarreta.

Ao ser indagado sobre a homenagem a São Pedro e São Paulo Dona Elza afirmou que sua devoção a São Pedro a incentiva a participar e promover a festa na passagem. Relaciona isto a uma promessa feita para conseguir um emprego e disto resulta sua contribuição para a continuação da festividade, especialmente com a elaboração de comidas e bebidas típicas da época junina (mingau, tacacá, vatapá e o famoso aluá).

Quanto à convivência com os vizinhos, Dona Elza afirma que gosta de todos - “não é mal com ninguém” - sendo, conforme constatei, muito benquista e respeitada pela vizinhança. Trata-se de uma pessoa com facilidades de estabelecer relações com as pessoas interessadas pelos produtos que vende em sua residência no decorrer do ano todo, principalmente aos finais de semana, como cerveja, tucupi, maniva, o que ajuda na complementação da renda familiar. Por outro lado, considera-se uma pessoa muito conhecida na cidade e no bairro e por isso consegue trazer muita gente para participar da festa de São Pedro e São Paulo como convidados. Sobre as atrações da festa ela destaca a ladainha, as exibições de algumas quadrilhas de adultos, crianças e adolescentes (as “misses, as mulatas cheirosas), o casamento na roça, os cordões juninos, destacando especialmente a apresentação do Boi Bumbá Malhadinho do



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Guamá, atualmente sediado na passagem e coordenado pela família do senhor Raimundo Soares, suas filhas, genros e netos, além do Grupo de Carimbó Sancari que, de modo geral, exibem-se todos os anos e ajudam na animação da festa.

Além disso, afirma a interlocutora que “enquanto tiver saúde vai continuar trabalhando para que a festividade de São Pedro e São Paulo continue na passagem Pedreirinha”, reconhecendo a necessidade de melhorias na organização “para que se faça tudo com antecedência e se evite problemas que sempre ocorrem e têm de ser resolvidos à última hora”, o que é sempre possível graças ao bom relacionamento que ela, seu marido, seus filhos e netos tem com as pessoas que ajudam, citando especialmente seu filho conhecido como Branco e seu neto Kleber que fazem parte do Bloco Carnavalesco Mexe-Mexe existente na passagem e com sede na residência de Dona Elza, o qual, por possuir pessoa jurídica reconhecida, atua também na garantia das licenças oficiais junto à Prefeitura Municipal de Belém e aos órgãos de segurança, para a realização da festa de São Pedro e São Paulo que utiliza o leito da própria rua.

Esses dados do trabalho de campo relativos às relações lúdico-religiosas aqui referidas encaixam-se na análise da própria caracterização da passagem Pedreirinha do Guamá como está sendo tratado na elaboração da dissertação a ser apresentada ao PPGCS-Antropologia da UFPA. Ou seja, são incluídos nas diversas manifestações culturais existentes no local de estudo que promovem a aproximação das pessoas em processos de interação e solidariedade o que lhes permite uma convivência bastante agradável, embora não totalmente isenta de conflitos.

Essas relações, entre devotos, amigos, parentes e vizinhos, abrem perspectivas de redes de sociabilidade, reforçam suas identidades e suas relações cidadãs, especialmente em seus locais de residência. Tais fatos permitem aos participantes dos processos aqui referidos a visualização de possibilidades de troca ou reciprocidade (Mauss, 2003), ampliação das redes de sociabilidade (Simmel, 1983), destacando-se a sociabilidade festiva (Rodrigues, 2008 e Costa, 2009), onde se ampliam também os laços de fidelidade e gratidão (Simmel, 2004).

Além disso, notei, no decorrer de contatos com os participantes das manifestações culturais registradas no local de estudo, que esses conjuntos de relações



se pautam em interesses de ampliação do capital social, e, conseqüentemente, do capital cultural e simbólico dos envolvidos, pois, pautam-se em trocas de informações, através de ações culturais educativas que assumem importância especial quando incluem crianças e adolescentes e também adultos, residentes ou não na passagem Pedreirinha do Guamá, sujeitos ativos que participam dos processos de transmissão e recepção de saberes tradicionais ligados à cultura popular, tão significativa no referido local (Bourdieu, 2010).

Interessante observar no contexto em análise os caminhos sugeridos por Simmel (1983) quando este define a sociabilidade como a “forma lúdica de sociação”. Segundo ele, a “sociação” se configura como um processo composto de vários microprocessos em um contexto micro de relações entre indivíduos interessados em permanecerem e ampliarem relações desse tipo. A sociabilidade, daí decorrente, caracteriza-se por formas de interação, onde os envolvidos demonstram “gostar de estar juntos”, identificam-se, interferem e marcam suas presenças nos eventos que, ao se multiplicarem, compõem um conjunto estruturado maior de relações ocorridas em seus locais de pertencimento. Nos ambientes em análise existem os encontros dos indivíduos em convivência e interação **uns** com os outros.

Por outro lado, esses locais, geralmente, caracterizam-se por todos se encontrarem num mesmo patamar de relações e daí decorrem novos processos de convivência que lhes abrem novas perspectivas de vida. Cada indivíduo envolvido encontra motivações para criar novos contatos com os “outros” e as relações sociais inseridas tendem a se prolongar infinitamente, desde que existam interesses para isso.

Assim, ocorrem formas de interação ou de sociabilidade que implicam em mudanças nas trajetórias de vida de cada indivíduo, sendo de extrema importância a solidariedade e o respeito mútuo nas relações com os “outros” para que ocorram ações capazes de gerar, no tempo e no espaço, as interveniências dos indivíduos nos caminhos percorridos em suas vidas. Conforme Maldonado (1996), para Simmel, existe uma diferença entre o homem e o animal. Enquanto este “supera distâncias” [...] “o homem opera o milagre do caminho, percebe tratos de natureza como paisagens, e se dá a



processos de associação e dissociação”. Segundo o próprio Simmel: “só ao homem é dado associar e dissociar” (Op. cit., p. 5-9).

Interessante observar na interpretação de Maldonado sobre o ponto de vista simmeliano a referência às metáforas da “ponte” e da “porta”. Segundo Simmel, afirma ela, a “ponte” assemelha-se à “esfera volitiva do homem no espaço”, pois, “liga partes da paisagem, reaproximando extremidades e compondo o caminho”. A “porta” liga-se aos mesmos princípios da “ponte”, ou seja, “os movimentos e, sobretudo, as possibilidades da administração do espaço pelo homem e da construção de perspectivas associativas/dissociativas [...] características da Sociologia simmeliana”.

Essa metáfora da “porta” sugere também concepções ontológicas entre opostos como “o abrir e o fechar”, “o entrar e o sair”, ligados às “possibilidades e sentidos”. Na verdade, a atenção se volta para as possibilidades de exploração de “processos afetivos” considerados como “exclusivamente humanos” (Op. cit., p. 5-9).

Parece-me relevante considerar esses aspectos, pois, tenho observado na etnografia particularmente a importância da afetividade nos processos de interação registrados no local de estudo, especialmente, ao perceber as construções associativas e dissociativas, conforme expostas acima considerando a perspectiva da “ponte” ou da “porta”. Além disso, estas proposições estão relacionadas aos conceitos simmelianos de “fidelidade”, “gratidão” e “reciprocidade”, necessariamente presentes nas redes de sociabilidade, em constantes processos de mudança, nas manifestações lúdico-religiosas aqui referidas, bem como em outras manifestações culturais existentes na passagem Pedreirinha do Guamá como um todo. Trata-se de um local onde eventos carnavalescos e juninos convivem pacificamente com os religiosos, sendo estes últimos bastante respeitados pelos primeiros e que, por isso mesmo, são reciprocamente respeitados por estes. Por outro lado, é importante notar também que as relações ligadas às festas aqui referidas não se limitam apenas a seus aspectos lúdicos, mas implicam em formas de ações individuais e coletivas, principalmente quando envolvem os participantes com várias características: fiéis seguidores religiosos, parentes, vizinhos e amigos em práticas de ações culturais que lhes ocasionam transformações em suas próprias existências cidadãs.



Isto remete a análise para os destaques dados por Mauss (2003) em sua obra máxima – Ensaio sobre a dádiva – quando ele busca o entendimento da constituição da vida social através de relações de trocas e reciprocidades em processos constantes de dádivas e retribuições, onde os atos de “dar” e de “retribuir” correspondem a obrigações que interferem nas instituições componentes do todo social, chamando a atenção para o fato de que vivemos em sociedades que distinguem direitos reais dos direitos pessoais, as pessoas das coisas.

No contexto social estudado, a “dádiva” se caracteriza pelo caráter obrigatório de dar-e-receber em trocas que se estabelecem entre indivíduos ou grupos sociais. Esse caráter inclui não só presentes, mas também pode se configurar em formas de visitas, festas, comunhões, esmolas, heranças, tributos, inúmeras “prestações” que podem ser “totais” ou até “agonísticas”. Conforme Mauss: “na civilização escandinava e em muitas outras, as trocas e os contratos se fazem sob a forma de presentes, em teoria, voluntários, na verdade, obrigatoriamente dados e retribuídos” (Op. cit., p. 187).

Segundo ele, a análise de qualquer espaço de relações sociais deve considerar a existência de “um enorme conjunto de fatos” que na verdade são “fatos muito complexos”, onde, “tudo se mistura, tudo o que constitui a vida propriamente social”. Trata-se aqui de sua grande contribuição à interpretação sociológica quando ele encontra o fio condutor de sua análise dos “fenômenos sociais totais” na interpretação da sociedade por exprimirem, ao mesmo tempo, instituições “religiosas, jurídicas e morais – estas sendo políticas e familiares ao mesmo tempo -, econômicas”, além de “fenômenos estéticos e fenômenos morfológicos que essas instituições manifestam” (Op. cit., p. 187).

Mauss destaca, entre “temas tão complexos ou multiplicidade de coisas sociais em movimento”, ao que denomina de “caráter voluntário [...] aparentemente livre e gratuito, e, no entanto, obrigatório e interessado, dessas prestações”, onde ele identifica “ficção, formalismo e mentira social”, pois, no fundo, há “obrigação e interesse econômico”, e nesse sentido uma das formas mais necessárias e incontestes de troca: a “divisão social do trabalho” (Op. cit., p. 188).



Segundo ele, a dádiva produz a “aliança”, tanto matrimoniais como políticas, religiosas, econômicas, jurídicas e diplomáticas. Com isso, ele destaca noções dos vínculos obrigatórios estabelecidos em várias relações existentes tanto nas sociedades primitivas quanto nas nossas sociedades. Parece-me que essa proposta de interpretação mostra-se de forma bastante clara nas relações lúdico-religiosas identificadas pela pesquisa de campo na passagem Pedreirinha expostas nas páginas iniciais deste artigo, especialmente quando o autor destaca que as trocas não se referem apenas a “bens, riquezas ou produtos [...] entre os indivíduos”, mesmo porque “não são indivíduos, são coletividades que se obrigam mutuamente, trocam e contratam”, pois se trata de relações entre “pessoas morais [...] que se enfrentam e se opõem” de diversas formas. Além disso, como essas trocas e reciprocidades não compreendem apenas bens materiais, mas são “antes de tudo amabilidades [...], ritos [...], danças, festas, feiras [...]”, delas resulta um vínculo bem mais geral e permanente (Op. cit., p. 190-191).

Chamam a atenção positivamente as formas como Mauss apresenta os resultados de seus estudos sobre as dádivas trocadas e a obrigação de retribuí-las, especialmente quando ele constata a importância nas relações estabelecidas no concernente à honra e à valorização do prestígio que as coisas trocadas conferem aos que se envolvem nos processos de trocas e reciprocidades. Ele reforça isto quando analisa a força mágica, religiosa e espiritual da coisa trocada em cadeia de relações que podem implicar na perda dessa força caso não sejam cumpridas as obrigações implícitas de suas retribuições. Neste sentido, ele fala de natureza e substância das coisas, refere-se à essência espiritual, alma, algo que vem da pessoa, “não apenas moralmente, mas física e espiritualmente”. Trata-se de uma essência e de um alimento para o sistema de trocas que envolvem bens móveis ou imóveis, mulheres e descendentes, em ritos e comunhões que assumem poder mágico e religioso sobre todos os envolvidos. Segundo Mauss, “se o presente recebido, trocado, obriga, é que a coisa recebida não é inerte (Op. cit., p. 199-200) ¹.

¹ Aqui ele se aproxima das obrigações observadas nas sociedades atuais, pois, a recusa em dar, a negligência em convidar, como a recusa em receber, equivale a “declarar guerra”; significa “recusar a aliança e a comunhão”. E essa propriedade se exprime e é concebida como um vínculo espiritual gerado nas relações estabelecidas (Op. cit., p. 202).



Considerando as conclusões de Mauss nas perspectivas de ordem moral, cabe destacar uma série de pontos que envolvem a necessidade de serem considerados “os temas da dádiva, da liberdade e da obrigação na dádiva, da liberalidade e do interesse que há em dar”, os quais “reaparecem entre nós, como um motivo dominante há muito esquecido”. Defende ele também que é de extrema importância valorizar “boa fé, sensibilidade e generosidade” nos diversos tipos de contratos e vínculos, limitando-se “os frutos da especulação e da usura”. Ademais, é preciso “que o indivíduo trabalhe”; deve “ser forçado a contar mais consigo do que com os outros”, sendo capaz de defender “seus interesses, pessoalmente e em grupo” (Op. cit., p. 298).

De modo geral, o contexto estudado por Mauss apresenta, conforme afirma: “mais que temas, mais que elementos de instituições, mais que instituições complexas, mais até que sistemas de instituições divididos, por exemplo, em religião, direito, economia, etc.”. Trata-se na verdade de “sistemas sociais inteiros” que ele descreveu e analisou com muita propriedade e que me sugerem um entendimento de modo mais claro do meu objeto de estudo que refere as relações de sociabilidade, reciprocidade, fidelidade e gratidão na passagem Pedreirinha do Guamá (Op. cit. p. 310).

Enfim, as contribuições de Mauss sobre os conceitos de troca e reciprocidade assumem grande importância teórica para a interpretação da realidade estudada, uma vez que suas propostas permitem o diálogo com os conceitos de capital social, cultural e simbólico propostos por Bourdieu (2010) e de sociabilidade, reciprocidade, fidelidade e gratidão propostos por Simmel (1983 e 2004) que tenho buscado usar na elaboração do trabalho que realizo na passagem Pedreirinha do Guamá e as diversas relações e interrelações que nela são registradas.

Conforme expus atrás, o ambiente em pesquisa está repleto de relações de socialização que compreendem as categorias em consideração no local de estudo. Trata-se de um lugar em que a sociabilidade ou as redes de relações de troca e reciprocidade em ações lúdico-religiosas, voluntárias ou não, registradas na passagem Pedreirinha do Guamá estão repletas das características destacadas por Bourdieu, por Simmel e por Mauss.



A etnografia até agora realizada no local de estudo, tem demonstrado a incorporação de formas de sociabilidade e de reciprocidade, assim como de relações de fidelidade e gratidão no conteúdo das trocas que são realizadas pelos envolvidos nas manifestações culturais aqui referidas o que interfere em seus processos históricos, terminando por lhes proporcionar novos rumos aos seus próprios caminhos de vida, ampliando-lhes assim suas “pontes” e abrindo-lhes novas “portas” no sentido do reforço às suas condições cidadãs. Eis toda a minha motivação para continuar realizando este trabalho aqui apresentado em seus traços gerais.

Referências

AGIER, Michel. Lugares e redes – As mediações da cultura urbana. In: Além dos territórios. Ana Maria de Niemeyer e Emília Pietrafesa de Godoi (orgs.). Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998.

BOURDIEU, Pierre. Escritos de Educação. Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani (organizadores). Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2010.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Introdução a uma leitura de Mauss. In: Marcel Mauss: antropologia. Roberto Cardoso de Oliveira [Org.]. São Paulo: Ática, 1979).

COSTA, Antonio Maurício. Lazer e Sociabilidade: usos e sentidos. Belém: Açaf, 2009.

DIAS JR, José do Espírito Santo. Cultura Popular no Guamá: Um estudo sobre o boi bumbá e outras práticas culturais em um bairro de periferia de Belém/ José do Espírito Santo Dias Junior; orientador, Pedro Petit Peñarrocha. Dissertação de mestrado apresentado ao PPGHSA/IFCH/UFPA, Belém, 2009.

MALDONADO, Simone Carneiro. Georg Simmel: Uma Apresentação. In: Política e trabalho 12 – setembro/1995.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. In: Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

PALHETA FERREIRA, Clélio. Sociabilidade festiva e práticas culturais em espaço público: O caso da Passagem Pedreirinha do Guamá em Belém. Relatório Técnico de Atividades. UFPA/IFCH/FCS/Antropologia, 2007.

_____. Sociabilidade festiva e espaço público: O caso da Passagem Pedreirinha do Guamá em Belém-Pará. Relatório PROPESP/UFPA, 2008a.

_____. Sociabilidade festiva e espaço público: O caso da Passagem Pedreirinha do Guamá em Belém-Pará. Faculdade de Ciências Sociais/Antropologia/UFPA. Trabalho de Conclusão do Curso de Ciências Sociais apresentado à FCS/UFPA em agosto de 2008, 2008b.

_____. Experiências de ações culturais educativas na Passagem Pedreirinha do Guamá – Belém-Pará. Trabalho apresentado na 27ª RBA. Belém, Pará, Brasil, 2010.

PALHETA FERREIRA, Clélio & RODRIGUES, C. I. Educação Cultural, sociabilidade e cidadania na Passagem Pedreirinha do Guamá em Belém-Pará-Brasil. Trabalho



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

apresentado na Convención Internacional de Antropología – “Anthropos 2011”. Palacio de Convenciones: La Habana, Cuba, 2011.

PEREZ, Léa Freitas. O que é mesmo cultura? In: ____ Revista Mundo Jovem - Jovens organizados, semente da nova sociedade, 1985.

RODRIGUES, Carmem Izabel. Vem do bairro do Jurunas. Tese de Doutorado, Antropologia/UFPE, 2006.

_____. Festas populares em Belém: Sociabilidade festiva e práticas culturais em espaço urbano. Projeto de pesquisa PARD/PROPESP, UFPA, 2007.

_____. Vem do bairro do Jurunas: sociabilidade e construção de identidades em espaço urbano. Belém: Editora do NAEA, 2008.

RODRIGUES, C. I. & PALHETA FERREIRA, Clélio. Sociabilidade festiva e espaço público em Belém-Pará. Trabalho apresentado na 26ª RBA. Porto Seguro, Bahia, Brasil, 2008.

_____. Sociabilidade festiva e educação cultural em espaço público em Belém-Pará. Trabalho apresentado na 27ª RBA. Belém, Pará, Brasil, 2010.

SIGAUD, Lygia. As vicissitudes do “Ensaio sobre o Dom”. In: Mana vol. 5 n. 2. Rio de Janeiro, Oct. 1999. *Print version* ISSN 0104-9313.

SIMMEL, Georg. Sociologia. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 1983.

_____. Fidelidade e Gratidão e Outros Textos. Lisboa: Relógio D’água Editores, 2004.